

Até 2014 o corte manual será eliminado nos canaviais paulistas . (09/08/2010)

Até 2014, o corte manual será eliminado dos **canaviais** paulistas - uma evidência de avanço social e ambiental. O problema: o que farão 140 000 cortadores que dependem desse trabalho para sustentar sua família no Nordeste?

O sol nem bem raiou e milhares de homens já estão espalhados pelos **canaviais** da cidade de Leme, um dos muitos polos produtores de **cana-de-açúcar** do estado de São Paulo. Com equipamentos de segurança rudimentares no corpo e foices afiadas nas mãos, os trabalhadores cortam enormes feixes de **cana** queimada a cada golpe. Eles têm pressa. Sabem que sua remuneração está diretamente ligada à produtividade. Os melhores cortadores chegam a empilhar até 8 toneladas de **cana-de-açúcar** num único dia de trabalho. A jornada é dura e desgastante, mas o contracheque médio de 1 100 reais serve de estímulo para esse grupo de trabalhadores, formado em sua maioria por migrantes nordestinos. O dinheiro ganho em São Paulo garante a sobrevivência de famílias inteiras no Nordeste e faz prosperar a economia de pequenas cidades encravadas no sertão. Nos últimos tempos, porém, um clima de tensão tem pairado sobre os **canaviais** paulistas. Desde 2007, quando um acordo firmado entre as usinas produtoras de **etanol** e o governo estadual antecipou de 2021 para 2014 o fim das queimadas nos **canaviais**, os homens têm perdido espaço para as máquinas. Nas últimas três safras, o número de vagas tem caído em média 15% ao ano. No mesmo período, a quantidade de colheitadeiras em atividade quadruplicou. Hoje existem cerca de 140 000 cortadores de **cana** em São Paulo, número que cairá para zero em quatro anos.

É ótimo que as queimadas sejam eliminadas e que um trabalho degradante desapareça. É assim que o país evolui, tanto social quanto ambientalmente. Mas o fato é que, sem qualificação, os trabalhadores hoje envolvidos no corte de **cana** dificilmente conseguirão manter o já modesto padrão de vida de sua família. O exemplo do paraibano Antônio Sabino, de 38 anos, reflete bem o drama. Nascido em Princesa Isabel, município distante 450 quilômetros de João Pessoa, Sabino trabalha há 12 anos no corte de **cana** em Leme. Todo ano embarca em um dos muitos ônibus que transportam a mão de obra de pequenas cidades nordestinas até as usinas paulistas. A passagem custa 300 reais, mas o retorno é garantido.

Com um salário de 1 500 reais por mês - conquistado graças a um desempenho muito acima da média -, ele sustenta os pais, a mulher e dois filhos na Paraíba e consegue economizar até 400 reais por mês. Terminada a safra, Sabino receberá a rescisão contratual e a participação nos lucros da usina, o que deverá lhe render o equivalente a quatro salários. Em novembro, voltará para casa com mais de 10 000 reais no bolso, uma fortuna para os padrões da região. "A economia de Princesa Isabel é movida pelo dinheiro da **cana** paulista", diz o prefeito Thiago Pereira. "São mais de 2 000 pessoas daqui que partem para São Paulo todo ano. A mecanização das lavouras vai nos trazer grandes problemas."

Fonte: